

**Impacto psicológico das missões de salvamento de refugiados na
Polícia Marítima**

CATARINA HUERTA

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA LISA MATOS

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2023

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Prof. Doutora
Lisa Matos, apresentada no ISPA
– Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia
Clínica

Agradecimentos

Aos agentes da Polícia Marítima que participaram neste estudo, pela exposição, partilha de experiências, disponibilidade e pelo contributo fundamental para este projeto.

Ao Comandante Geral da Polícia Marítima por ter autorizado a realização deste estudo e ter possibilitado o acesso a esta amostra.

Ao Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima pela disponibilidade, apoio e acompanhamento ao longo deste processo.

Ao Chefe Pacheco Antunes pela disponibilidade, apoio e partilha de conhecimentos fundamentais para a realização deste projeto.

À prof. Doutora Lisa Matos por ter aceite ser minha orientadora e por ter aceite embarcar neste projeto. Agradeço por toda a orientação, pelo apoio imprescindível, pela partilha de conhecimentos e experiências.

À Professora Doutora Isabel Leal pela disponibilidade, pela sabedoria e partilha de experiências ao longo do meu percurso académico.

Aos meus pais, que sempre me inculcaram valores como persistência, determinação e resiliência. Sabem o quão importante é esta etapa da minha vida e agradeço por acreditarem sempre em mim e nas minhas capacidades e por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida.

Ao meu namorado, por me acompanhar ao longo desta viagem. Agradeço por todas as palavras de apoio e carinho partilhadas, assim como por me incentivar a ser sempre uma pessoa melhor.

À Sónia, minha colega e amiga, por estar sempre presente em todos os momentos deste percurso académico. Obrigada por todo o apoio e motivação nos momentos mais desafiantes, assim como pelo ombro amigo.

A todas as minhas amigas e colegas, que de alguma forma estiveram presentes neste processo e deram suporte nesta minha etapa. Obrigada por todo o apoio e momentos de partilha.

Obrigada a todos por acompanharem esta minha viagem.

Resumo

Enquanto profissionais de intervenção primária, os agentes da Polícia Marítima portuguesa que participam em missões de salvamento de populações em situação de refúgio estão repetidamente expostos a acontecimentos potencialmente traumáticos, passíveis de alterar as suas visões do mundo e criar sofrimento psicológico significativo. Tendo por base o modelo teórico de atribuição de sentido (*meaning-making*) de Park (2010), este estudo qualitativo avaliou o impacto da participação nas missões nas crenças, objetivos de vida e sentido de propósito de 26 agentes, enquanto determinantes de ajustamento psicológico. Através de análise temática identificamos 7 temas relacionados com stressores psicológicos, sentido global e impacto emocional. As “vivências diretas com crianças em situação de vulnerabilidade”, “naufrágios e resgates no mar” e “choque cultural” foram identificados pelos agentes como acontecimentos potencialmente traumáticos que causaram impacto nas suas visões do mundo, nomeadamente nas crenças relativas a perceção de controlo, justiça e segurança, assim como no seu sentido de missão informado pela realização profissional e centralidade da família. A experiência nas missões causou impacto emocional positivo e negativo caracterizado por sentimentos como: tristeza, impotência, indignação, empatia, gratidão e privilégio. Os resultados sugerem a existência de fatores protetores determinantes de bem-estar psicológico no desempenho das suas funções, alterações de determinadas visões do mundo ou estruturas cognitivas resultantes da exposição a acontecimentos adversos e a coexistência de impacto psicológico positivo e negativo nos agentes da Polícia Marítima.

Palavras-Chave: Atribuição de sentido; Profissionais de intervenção primária; Trauma; Polícia Marítima; Visões do mundo;

Abstract

The portuguese Maritime Police, vital first responderds who participate in missions to rescue migrants and refugees, are repeatedly exposed to potentially traumatic events which can profoundly change their views of the world and create significant psychological suffering. Using Park's meaning-making model (2010), this qualitative study evaluated the impact their participation in rescue missions had on agents' core beliefs, life goals and sense of purpose on with 26 participants, 5 of whom were women. Through the assessment of recurring themes, we identified 7 themes related to psychological stressors, global meaning and emotional impact. Experiences with children in vulnerable situations, shipwrecks and rescues at sea and cultural shock were identified by the agents as potentially traumatic events or circumstance that had an impact on their views of the world, particularly on beliefs regarding the perception of control, justice and security, as well as in its sense of mission informed by professional achievement and family centrality. The experiences while on mission caused both positive and negative emotional impact characterized by feelings such as sadness, impotence, indignation, empathy, gratitude and sense of privilege. The results suggest the existence of protective factors that determine psychological well-being when performing their duties, changes in certain views of the world or cognitive structures resulting from exposure to adverse events and the coexistence of positive and negative psychological impacts on Maritime Police.

Keywords: Meaning-making; First responders; Trauma; Maritime Police; Views of the world;

Índice

Índice de tabelas	VII
Índice de figuras	VII
<i>Introdução</i>	1
<i>Enquadramento Teórico</i>	3
1. <i>Trauma psicológico</i>	3
2. <i>Impacto psicológico do trabalho direto com populações em crise em profissionais de intervenção primária</i>	4
3. <i>Ajustamento psicológico - Modelo integrado de atribuição de sentido ao trauma</i>	8
4. <i>Pertinência do estudo</i>	9
<i>Métodos</i>	10
<i>Desenho do estudo</i>	10
<i>Participantes</i>	11
<i>Materiais</i>	12
<i>Procedimentos</i>	13
<i>Análise de dados</i>	14
<i>Resultados</i>	15
<i>Stressores</i>	15
Tema 1: <i>Vivências diretas com crianças em situação de vulnerabilidade</i>	16
Tema 2: <i>Naufrágios e resgates no mar</i>	17
Tema 3: <i>Choque cultural</i>	18
<i>Sentido global</i>	19
Tema 4: <i>Perceção de controlo, justiça e segurança</i>	19
Tema 5: <i>Sentido de Missão</i>	21
Subtema 1: <i>Realização profissional</i>	21
Subtema 2: <i>Centralidade da família</i>	22
Impacto emocional	23
Tema 6: <i>Tristeza, impotência e indignação</i>	24
Tema 7: <i>Gratidão, empatia e privilégio</i>	25
<i>Discussão</i>	26
<i>Implicações práticas</i>	29
<i>Limitações</i>	29
<i>Referências Bibliográficas</i>	30

Índice de tabelas

Tabela 1	11
-----------------------	----

Índice de figuras

Figura 1	9
Figura 2	15

Introdução

Entre o ano de 2015 e 2016 surge uma “crise migratória”, caracterizada pelo aumento significativo da entrada de milhares de refugiados na União Europeia, através de travessias no Mar Mediterrâneo, o que torna Itália e Grécia as principais portas de entrada para centenas de milhares de refugiados (Parlamento Europeu, 2015). Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR, 2015), uma percentagem significativa de refugiados que chegaram à Europa em 2015 fugiam de conflitos armados, perseguições e tortura nos seus países de origem (i.e., Síria, Afeganistão e Iraque). A Agência FRONTEX, Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, em resposta à entrada não monitorizada de pessoas em situação de refúgio pelas fronteiras marítimas na Europa e devido ao aumento significativo de naufrágios e mortes no Mediterrâneo, determinou o alargamento das suas funções. Assumiu a responsabilidade de combate à criminalidade transfronteiriça e de operações de busca e salvamento marítimo, contando com o apoio de profissionais de Estados-Membros (FRONTEX, 2023). No âmbito da cooperação europeia, a Polícia Marítima portuguesa começou a integrar em missões de resgate e salvamento no Mar Mediterrâneo a partir do ano de 2016, desempenhando funções de controlo e vigilância de fronteiras marítimas internas e externas nas ilhas gregas e italianas (FRONTEX, 2023; Leonard & Kaunert, 2022), como também funções de cariz humanitário, relacionadas com resgate e salvamento marítimo.

Enquanto profissionais de intervenção primária, os agentes da Polícia Marítima portuguesa, estão expostos a acontecimentos potencialmente traumáticos diretos e indiretos (e.g., naufrágios, mortes, relatos de sobreviventes de guerra), sendo expectável uma diversidade de respostas psicológicas. Neste sentido, desenhamos um estudo qualitativo para avaliar o impacto dessa experiência nas visões do mundo dos agentes da Polícia Marítima, à luz do modelo teórico de atribuição de sentido (*meaning-making*) de Park (2010), assim como no seu funcionamento psicológico pós-missão.

O documento de dissertação encontra-se organizado em 4 partes. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico que se encontra constituído por: 1) definição de construtos relacionados com trauma psicológico; 2) revisão de literatura relativamente ao impacto psicológico, tanto negativo como positivo, do trabalho direto com populações em crise em profissionais de intervenção primária; e 3) apresentação do modelo teórico de atribuição de sentido ao trauma de Park (2010). A segunda parte diz respeito aos métodos, onde é mencionado o desenho do estudo, caracterização dos participantes,

caracterização dos materiais utilizados, descrição dos procedimentos adotados e análise de dados. A terceira parte corresponde aos resultados qualitativos do estudo obtidos através da abordagem de análise temática. A última parte representa a discussão do estudo, onde são realçados os resultados principais, implicações, limitações e sugestões para estudos futuros.

Enquadramento Teórico

1. Trauma psicológico

Segundo a 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais- DSM-V (American Psychiatric Association, 2013), o sofrimento psicológico deriva da exposição direta ou indireta a acontecimentos potencialmente traumáticos e varia de indivíduo para indivíduo. Neste sentido, os acontecimentos traumáticos primários resultam de uma exposição direta a um acontecimento potencialmente traumático (e.g., guerra, agressão física, violência sexual, ataque terrorista, tortura, ou catástrofes naturais; Flannery, 2015). A exposição secundária ou vicariante está associada a exposição indireta a acontecimentos adversos que ocorrem não só a pessoas próximas, como em contexto laboral, em que há exposição repetida a acontecimentos ou narrativas extremas e de grande sofrimento (e.g., observação de experiências violentas ou acidentes, tais como mortes, acidentes, guerra, violência, que envolvam pessoas próximas; APA, 2013; Pearlman & Mac Ian, 1995).

Segundo Flannery (2015), o trauma psicológico decorre da exposição direta ou indireta de acontecimentos percebidos como traumáticos, originando conseqüentemente sofrimento físico e psicológico (Collins & Long, 2003; Tahan, Taheri & Saleem, 2021). Segundo o DSM-V (APA, 2013), a Perturbação de *Stress* Pós-Traumático (PTSD) é uma das conseqüências após exposição direta ou indireta a um ou diversos acontecimentos traumáticos, caracterizada pela presença de sintomas tais como: memórias intrusivas desagradáveis, recorrentes e involuntárias do acontecimento traumático; sonhos nos quais os conteúdos ou sentimentos se encontram relacionados com o acontecimento traumático; evitamento persistente de estímulos que se encontram associados ao acontecimento traumático; perturbações de sono; hipersensibilidade a potenciais ameaças; dificuldade de concentração para recordar acontecimentos diários ou para realizar determinadas tarefas; e/ou sofrimento psicológico intenso ou prolongado representado por reações emocionais negativas (e.g., medo, desespero, tristeza, irritabilidade).

Tal como a exposição direta ao trauma, também a exposição indireta tem conseqüências no bem-estar psicológico do indivíduo. Segundo Stamm (2010), profissionais de intervenção primária e outros que no decorrer do seu desempenho profissional estejam repetidamente expostos a narrativas de sofrimento extremo (doravante designados de “profissionais”, sem especificar, exceto quando relevante), e

que prestam serviços diretos a populações vulneráveis podem apresentar efeitos negativos (e.g., fadiga por compaixão, *burnout*, *stress* traumático secundário) ou efeitos positivos (e.g., satisfação por compaixão) na sua qualidade de vida profissional. Segundo Mchholm (2006), fadiga por compaixão é um efeito negativo que compromete a prestação de cuidados ao outro, caracterizado pela exaustão emocional, física, social e espiritual do indivíduo. Surge quando o indivíduo ao prestar cuidados ao outro, se identifica empaticamente, “absorvendo a sua dor ou trauma” (Adams & Figley, 2006; Mchholm, 2006). Segundo Stamm (2010), este conceito pode ser dividido em duas fases: *burnout* e *stress* traumático secundário. O *burnout* é definido por Figley (1995), como um processo que surge gradualmente e que se vai intensificando ao longo do tempo. Devido à carga de trabalho excessiva ou condições de trabalho desfavoráveis, o *burnout* é caracterizado por sentimentos de desespero e exaustão emocional que originam dificuldades no desempenho do seu trabalho de forma eficiente (Collins & Long, 2003; Stamm, 2010). O *stress* traumático secundário é caracterizado por emoções ou comportamentos semelhantes à PTSD resultante da prestação de cuidados a pessoas que se encontram em sofrimento psicológico ou que vivenciaram acontecimentos percebidos como traumáticos (Figley, 1995; Stamm, 2010). Segundo Figley (1995), os profissionais que contactam com sobreviventes de trauma apresentam sofrimento psicológico, tal como: depressão, ansiedade, medo, raiva, perturbações do sono (APA, 2013; Mchholm, 2006) ou mudanças nos seus esquemas cognitivos, nomeadamente crenças, objetivos de vida e sentido de propósito (McCann & Pearlman, 1990; Park, 2010). Contudo, nem todos os profissionais apresentam efeitos negativos resultantes do desempenho das suas funções. A satisfação por compaixão é um efeito positivo, caracterizado pelo prazer e bem-estar ao desempenhar funções no trabalho de forma eficaz e empática (Figley, 1995; Stamm, 2010).

2. *Impacto psicológico do trabalho direto com populações em crise em profissionais de intervenção primária*

O termo *first responders* ou profissionais de intervenção primária diz respeito a um grupo diversificado de profissionais que desempenham funções de salvamento e segurança de vítimas (Haugen, Evces & Weiss, 2012), tais como combatentes de guerra (Currier et al., 2015; Steger et al., 2015), bombeiros (Krok, 2016), polícias (Mamar et al., 2006; Moderno et al., 2022), médicos e profissionais da equipa de emergência

(Baarrington & Finch, 2013), assim como outros profissionais que desempenham funções em incidentes críticos.

Estudos realizados por Currier e colegas (2015) com veteranos das guerras do Iraque e Afeganistão com o objetivo de avaliar o impacto de experiências moralmente prejudiciais à saúde mental, verificaram uma alteração dos objetivos de vida e percepções de crescimento. Neste sentido, foram percebidas mudanças positivas na vida dos profissionais, nomeadamente, uma maior aprendizagem sobre si próprio e aquisição de uma nova compreensão sobre o mundo que os rodeia. Observaram-se claras discrepâncias entre as crenças e expectativas de funcionamento do mundo pré-guerra e a forma como os veteranos avaliaram as situações extremas às quais estiveram expostos (Currier et al., 2015). Também Keller e colegas (2020), realizaram um estudo com um grupo de veteranos da OIF (e.g., Operação Liberdade do Iraque) ou da OEF (e.g., Operação Liberdade Duradoura), composto por membros do exército dos EUA, Fuzileiros, Força Aérea e Marinha, para avaliar os efeitos dos processos de atribuição de sentido na saúde mental de veteranos de guerra após exposição a acontecimentos potencialmente traumáticos. Os resultados sugeriram que estes profissionais apresentam sofrimento psicológico, nomeadamente depressão, abuso de substâncias e agressividade que podem estar associados a diagnóstico de PTSD. Por outro lado, também foram salientadas percepções de crescimento e mudanças positivas na sua vida, através da alteração de crenças e maior compreensão do mundo. Os autores concluíram que, embora os veteranos tenham formação específica para enfrentar situações extremas no contexto de intervenções militares, relataram sofrimento psicológico significativo e dano moral associado a exposição a morte.

Steger e colegas (2015) realizaram um estudo com veteranos da Marinha que combateram na Guerra do Vietnam e concluíram que a procura de sentido de vida, assim como a presença de sentido de vida estavam significativamente relacionados com a percepção de crescimento pós-traumático (e.g., mudanças positivas na sua filosofia de vida, nas relações interpessoais ou na percepção do self; Park, 2010). Por sua vez, a alteração de objetivos de vida foi um determinante de ajustamento psicológico negativo, mais especificamente de PTSD.

Verificou-se também que bombeiros polacos que atribuíam sentido a acontecimentos percebidos como traumáticos, no âmbito do seu desempenho

profissional, apresentavam baixos níveis de *burnout*. Além disso, a procura de propósito de vida, assim como objetivos de vida significativos relacionados com a realização pessoal, relações interpessoais ou valores sobre a justiça no mundo, são concomitantes com sentimentos de realização profissional, competência e eficácia no seu local de trabalho (Krok, 2016). É salientado no estudo de Krok (2016) que a existência de propósito contribui para um sentimento de maior resiliência e crescimento pessoal nestes bombeiros.

Em 2022, num estudo de Moderno e colegas com 737 polícias de quatro regiões das Filipinas foi observado que os agentes que vivenciavam situações traumáticas estavam mais predispostos a desenvolver sintomatologia de PTSD. Isto deriva da dificuldade de atribuir sentidos benevolentes ao trauma, devido à incapacidade de reconciliarem as suas crenças centrais e os sentidos atribuídos às suas experiências. Leppma e colegas (2018) também realizaram um estudo com 113 polícias de um departamento em Nova Orleans após vivenciarem o furacão Katrina. Os resultados revelam que existe uma relação independente entre os acontecimentos traumáticos e o crescimento pós-traumático (PTG). Elevados níveis de satisfação com a vida, a gratidão e o suporte estão associados a pontuações altas de PTG.

Grant e colegas (2019), realizaram um estudo com o objetivo de avaliar a dimensão de fadiga por compaixão com 113 polícias americanos. Os resultados sugeriram baixos níveis de fadiga por compaixão, *burnout* e *stress* traumático secundário, estando significativamente correlacionado com níveis superiores de satisfação por compaixão, identificados como possível fator de proteção de sofrimento psicológico nestes agentes americanos. Os autores acautelaram a possibilidade de futuramente, estes agentes apresentarem níveis mais elevados de *burnout*, uma vez que na sua profissão são instruídos a não manifestar os seus sentimentos e como tal, a satisfação por compaixão surge como um fator protetor (Grant et al., 2019). Também, estudos recentes de Russo e colegas (2020), pretenderam avaliar o impacto negativo da fadiga por compaixão e *burnout* na saúde e bem-estar de polícias americanos e concluíram que estes profissionais estavam expostos a sofrimento psicológico no seu trabalho, caracterizado por elevados níveis de *burnout* e de fadiga por compaixão. Porém, este impacto foi considerado reversível e evitável, no caso de os profissionais adotarem estratégias eficazes de coping perante acontecimentos potencialmente traumáticos.

Os profissionais que prestam serviços diretos a pessoas em situação de refúgio (doravante designadas de “populações refugiadas” ou “refugados”, independentemente do género) também estão particularmente expostos a traumas significativos por via vicariante devido à natureza extrema do trauma associado à experiência de refúgio (Century et al., 2007; Figley, 1995). A experiência de refúgio é entendida como um processo de migração forçada de pessoas que, por motivo de perseguição no seu país de origem, abandonam-no à procura de paz e segurança em países seguros, estando expostas a acontecimentos traumáticos extremos e cumulativos (e.g., conflitos armados, perda de casa, país, família, tortura, experiências de morte) nos períodos pré-fuga e fuga, bem como stressores significativos nos países de acolhimento (Matos et al., 2022). Os profissionais que prestam auxílio a estas populações, tanto durante os processos de fuga (e.g., ao longo das rotas migratórias, incluindo em países de trânsito), como no período pós-migratório, estão expostos a narrativas de grande sofrimento e relatos de perdas constantes (Century et al., 2007; Figley, 1995).

Barrington & Finch (2013) realizaram um estudo na Austrália com médicos, que prestam serviços diretos a população refugiada. Os resultados demonstraram que o choque inicial do seu trabalho causou impacto emocional negativo significativo, assim como uma alteração das suas crenças situacionais (e.g., crenças relacionadas com o acontecimento potencialmente traumático). Contudo, o sofrimento psicológico sentido foi diminuindo ao longo do tempo, visto que os médicos foram atribuindo sentido à sua experiência, levando a um ajustamento psicológico positivo caracterizado por perceção de crescimento pós-traumático, nomeadamente através de perceção de mudanças positivas na filosofia de vida, nas relações interpessoais, maior proximidade com a família e sentimento de gratidão.

Num outro estudo, Raynor & Hicks (2018), avaliaram a qualidade de vida profissional de agentes de migração registados na Austrália, que trabalhavam diretamente com população em situação de refúgio. Verificou-se que os níveis elevados de *stress* traumático secundário e *burnout* estavam relacionados com estratégias de coping mal adaptativas e baixos níveis de empatia. Por sua vez, os elevados níveis de satisfação por compaixão estavam associados a estratégias de coping mais eficazes e níveis mais elevados de empatia. Neste sentido, estes profissionais ao exercerem as suas funções

apresentam um elevado risco de sofrimento psicológico, nomeadamente de fadiga por compaixão, sendo sugerida intervenção individual para diminuição desse risco.

3. *Ajustamento psicológico - Modelo integrado de atribuição de sentido ao trauma*

O modelo de atribuição de sentido de Park (*integrated meaning-making model*; 2010), é um dos modelos teóricos mais completos de ajustamento psicológico ao trauma, postulando uma multiplicidade de respostas e trajetórias pós-traumáticas que refletem a complexidade das experiências dos sobreviventes (Matos, 2022). Segundo Park (2010), o sentido global é caracterizado por crenças (e.g., crenças sobre o mundo, o próprio e a nossa posição no mundo), objetivos de vida que incluem expectativas profissionais, relacionais, comunitárias e religiosas e sentido de propósito, que é informado pelas crenças e objetivos. Perante um acontecimento adverso, o indivíduo avalia o acontecimento relativamente à luz das suas crenças e expectativas de funcionamento do mundo, atribuindo-lhe um sentido designado de sentido situacional. A perceção de discrepâncias entre o acontecimento e as expectativas prévias, dá origem a angústia e sofrimento psicológico e é desencadeado um processo de procura de sentido que visa reduzir as discrepâncias percebidas e, assim, diminuir o sofrimento psicológico. Esta procura de sentido pode resultar numa reavaliação do acontecimento de forma a torná-lo coerente com o sentido global ou na reestruturação das crenças, objetivos de vida e sentido de propósito que foram violadas – do construto *meaning violation*. O processo de atribuição de sentido, quando adaptativo, pode resultar em melhorias no funcionamento psicológico, incluindo perceção de crescimento pós-traumático (Matos et al., 2021; Tedeschi & Calhoun, 1997).

Figura 1

Modelo de atribuição de Sentido de Park (2010)

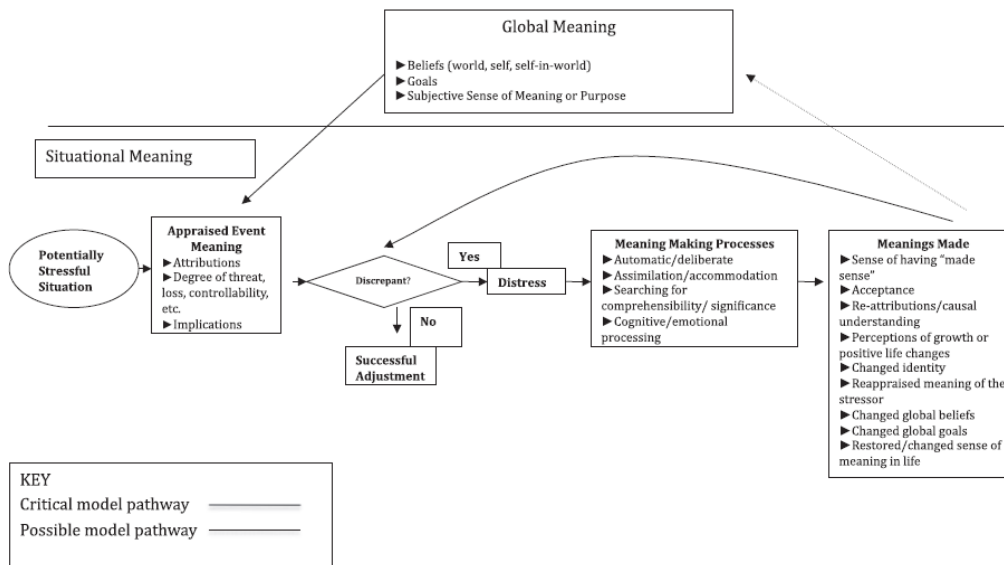


Figure 1. The meaning-making model.

4. Pertinência do estudo

A “crise migratória” surge entre o ano de 2015 e 2016, onde se verifica um aumento significativo da entrada de aproximadamente 1.322.850 refugiados na União Europeia (Parlamento Europeu, 2015) e uma importante mudança nas rotas migratórias terrestres e marítimas rumo à Europa. Através de travessias do Mar Mediterrâneo, as ilhas italianas e ilhas gregas tornaram-se as duas portas principais de entrada para centenas de milhares de migrantes (A designação de “migrante” deve ser entendida enquanto sinónimo de “pessoa em situação de refúgio” e não tem o objetivo de diferenciar estatuto legal ou tipo de migração – voluntária versus forçada), com trajetos migratórios através da Líbia e Turquia, respetivamente (Leonard & Kaunert, 2022). Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR, 2015), 75% dos refugiados que chegaram à Europa em 2015 fugiam de conflitos armados, perseguições e tortura nos seus países de origem, mais especificamente Síria, Afeganistão e Iraque.

Com resposta à entrada não monitorizada de pessoas em situação de refúgio pelas fronteiras marítimas da Europa e ao aumento de naufrágios e mortes no Mediterrâneo, a Agência FRONTEX, Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e

Costeira, responsável pelo controlo e vigilância de fronteiras externas da UE, determinou o alargamento das suas funções, assumindo a responsabilidade de combate à criminalidade transfronteiriça e de operações de busca e salvamento marítimo, contando com o apoio de profissionais de Estados-Membros (FRONTEX, 2023). No âmbito da cooperação europeia, Portugal enviou cerca de 60 agentes da Polícia Marítima, que integraram nas missões de resgate e salvamento no Mar Mediterrâneo designadas de “Poseidon” e “Triton” entre maio e outubro de 2016 (Ministério da Defesa Nacional, 2023), cooperando com a Agência FRONTEX no desempenho das funções de controlo e vigilância de fronteiras marítimas internas e externas na ilha de Lesbos, na Grécia e nas Ilhas italianas (FRONTEX, 2023; Leonard & Kaunert, 2022). Simultaneamente, os e as agentes da Polícia Marítima Portuguesa (doravante, “os agentes”, sem distinção de género, exceto quando relevante) desempenharam funções de cariz humanitário ao longo das missões, de resgate e salvamento marítimo de pessoas que se encontravam num processo de fuga dos países de origem, à procura de um local seguro. No campo de refugiados de Mória, na ilha de Lesbos, na Grécia, os refugiados, maioritariamente mulheres, crianças e famílias destruturadas têm permanência de largos meses e às vezes anos, em condições desumanas.

Tendo em conta que, no âmbito das suas funções no quadro das missões, os agentes estarão repetidamente expostos a acontecimentos potencialmente traumáticos diretos e indiretos (e.g., naufrágios, mortes, relatos de sobreviventes de guerra e naufrágios, pessoas em situação de crise) e que, segundo a literatura, é expectável uma multiplicidade de respostas psicológicas, desenhamos um estudo para avaliar o impacto dessa experiência nas visões do mundo de agentes da Polícia Marítima portuguesa, à luz do modelo de Park (i.e., sentido global), assim como no seu funcionamento psicológico pós-missão.

Métodos

Desenho do estudo

Este estudo qualitativo enquadra-se no projeto Journeys in Meaning (JiM; ref.: SFRH/BD/129602/2017) da responsabilidade da Investigadora Lisa Matos (William James Center of Research, ISPA- Instituto Universitário), que avalia o ajustamento psicológico ao trauma associado à experiência de refúgio, tendo por base o modelo teórico de atribuição de sentido de Park (2010). O presente estudo foi concebido para avaliar as

alterações de crenças, objetivos de vida e sentido de propósito, tendo a participação em missão ou missões de salvamento como linha de base, através da aplicação entrevistas semiestruturadas.

Participantes

Os critérios de inclusão deste estudo incluem: 1) ser agente da Polícia Marítima portuguesa, e 2) ter participado em pelo menos uma missão de resgate e salvamento de populações migrantes no mar, entre 2015 e 2022. Um total de 26 agentes da Polícia Marítima, incluindo 21 homens e 5 mulheres com idades compreendidas entre os 31 e os 56 anos ($M = 44,2$; $D = 7,2$), foram entrevistados entre fevereiro e maio de 2023. Relativamente à participação nas missões de salvamento, é possível destacar na nossa amostra 15 agentes que participaram em missões na Grécia (Ilha de Lesbos) com uma duração média de 3 meses, 5 agentes em Itália com uma duração média de 1 mês e meio, 4 agentes em missões tanto na Grécia como em Itália e apenas 2 agentes nas Ilhas Canárias com uma duração de 2 meses, sendo que os participantes participaram numa média de ($M = 3,8$ missões; $D = 2,6$).

Relativamente à categoria profissional, associada ao tempo de permanência na corporação (i.e., experiência profissional), 21 participantes (80,8%) identificaram-se como agentes de 1ª, 2ª ou 3ª classe, 4 como chefes (15,4%), e 1 como subinspetor (3,9%). No que se refere à especialidade 6 participantes (23,1%) pertencem ao serviço regular que desempenha funções de patrulhamento e fiscalização. Os restantes 20 participantes correspondem a uma Unidade especial da Polícia Marítima, onde têm formação e treino especializado (e.g., primeiros socorros avançados, oxigenoterapia, socorro a náufragos, entre outros), sendo 8 participantes do Serviço de Investigação Criminal (30,8%), 4 do Grupo de Mergulhadores Forenses (15,4%) e 8 do Grupo de Ações Táticas – GAT (30,8%).

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis		n	%
Idade	30-40	6	23,1
	41-50	14	53,9
	51-60	6	23,1
Estado civil	Solteiro/a	5	19,2

	União de facto	3	11,5
	Casado/a	17	65,4
	Divorciado/a	1	3,9
Habilitações literárias	3º Ciclo	1	3,9
	Secundário	14	53,9
	Ensino superior	11	42,3
	Licenciatura	8	30,8
	Mestrado	3	11,5
Religião	Ateu/ateia	3	11,5
	Agnóstico/a	4	15,4
	Cristão/ã: religioso/a	18	69,2
	Hindu-Cristã	1	3,9

Materials

O protocolo do estudo incluiu quatro documentos: 1) informação sobre o estudo fornecida aos participantes antes de iniciarem as entrevistas, com a descrição dos objetivos do estudo, procedimentos, equipa de investigação, direitos do participante, confidencialidade, riscos e benefícios; 2) formulário do consentimento informado a ser assinado e datado por cada participante; 3) questionário sociodemográfico desenvolvido para os fins do estudo e aplicado como entrevista estruturada, estando organizado em três secções: dados sociodemográficos (i.e., idade, género, estado civil, agregado familiar, habilitações literárias e religião), dados profissionais (i.e., anos de serviço, posto na profissão e especialidade) e dados relativos à participação em missões (i.e., nº de missões, ano, duração, país e funções desempenhadas em cada missão, motivação para a participação, tipo de contacto com população em situação de refúgio, país de origem das pessoas resgatadas e momento mais impactante na missão); 4) guião da entrevista semiestruturada que teve como linha de base para avaliar alterações do sentido global a participação em missões, sendo pedido aos agentes que refletissem sobre os períodos pré e pós-missão. A entrevista começa por pedir para identificar o acontecimento percebido como mais “traumático” no âmbito das missões, sendo a questão posteriormente reformulada para inquirir sobre “o momento ou acontecimento mais “impactante””, em resultado do pré-teste do protocolo realizado em janeiro de 2023, junto de três pessoas com ligação à Polícia Marítima. A designação “impactante” foi considerada mais adequada, por criar um impacto menos negativo nas entrevistas dos agentes da PM. Após a questão introdutória, foram exploradas três dimensões do sentido global. Para explorar:

crenças, foi pedido aos participantes para refletirem sobre “sua forma de olhar o mundo, antes da primeira missão e agora” e descrever “de que forma algumas crenças ou expectativas mudaram”; relativamente a objetivos de vida, foi pedido aos participantes para refletir sobre “os objetivos que tinha para a sua vida antes de participar na missão, uma vez mais, por contraponto aos objetivos atuais” e descrever se “sente que alguns objetivos se poderão ter alterado em consequência da sua participação na missão”; no que diz respeito ao sentido de propósito, foi solicitado aos participantes para refletir sobre “aquilo que dá sentido à sua vida atualmente” e que “os faz acordar todos os dias de manhã” e descrever se “é diferente do sentido de propósito que tinha antes da missão”. A pergunta final foi elaborada com o propósito de explorar o impacto emocional da participação nas missões (i.e., “O que sente quando pensa na sua vida pós-missão?”).

Procedimentos

A articulação do estudo com a Polícia Marítima, recrutamento de participantes e recolha de dados foram coordenados por Catarina Huerta, Assistente de Investigação (AI) do projeto JiM, sob supervisão de Lisa Matos, Investigadora Responsável do projeto (IR). Antes de iniciar a recolha de dados, a AI, que é também filha de um agente da Polícia Marítima, reuniu com o Gabinete de Psicologia manifestando a sua intencionalidade para a realização de um estudo que pretende avaliar as alterações nas visões do mundo dos agentes da Polícia Marítima, que participaram em missões de salvamento. Posteriormente, a AI enviou um pedido de autorização via e-mail para o Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima a informar sobre os propósitos do estudo, natureza voluntária da participação, e potenciais riscos e benefícios, sendo este e-mail reencaminhado para o Comandante Geral da Polícia Marítima. Após obter autorização do Comandante geral da Polícia Marítima, no dia 20 de outubro de 2022, foi iniciado o recrutamento de participantes, inicialmente por conveniência, em articulação com o Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima. Posteriormente, o recrutamento foi realizado através da técnica bola de neve, em que agentes obtiveram informação relativamente à realização do estudo através de colegas que já tinham participado e manifestaram o seu interesse em contribuir para o mesmo.

Para participarem, os agentes enviaram um e-mail a demonstrar a sua disponibilidade e interesse de modo a agendar as entrevistas, ou manifestaram o seu interesse telefonicamente após serem contactados. Previamente à recolha de dados, a AI

recebeu formação sobre questões éticas e informadas pelo trauma no âmbito da investigação com populações expostas a acontecimentos adversos, nomeadamente potencial retraumatização e/ou *distress* no decorrer da entrevista, abordagem empática e reuniões pós-entrevistas, sempre que necessário, com a IR para processar relatos mais complexos e emocionalmente impactantes.

As entrevistas foram gravadas em áudio e tiveram uma duração de cerca de 60 minutos. Conforme a preferência dos participantes, as entrevistas foram realizadas online ($n = 10$), através das plataformas ZOOM, Google Meet ou Microsoft Teams, e presencialmente ($n = 16$), no Comando Geral de Lisboa, Comando Local da Polícia Marítima de Alcântara ou Direção de Faróis em Paço de Arcos, nos Concelhos de Lisboa e Oeiras.

Realizamos um estudo qualitativo, onde 26 participantes foram informados relativamente à descrição e procedimentos do estudo, equipa de investigação, direitos dos participantes, anonimato e confidencialidade e possíveis riscos e benefícios da participação no estudo. Nesta fase, o Consentimento informado foi assinado pelos agentes, dando oportunidade prévia para colocarem questões ou esclarecerem quaisquer dúvidas. Foi aplicado o questionário sociodemográfico como entrevista estruturada para recolha de características sociodemográficas, dados profissionais e dados relativos à participação nas missões. Posteriormente, foi aplicado o guião da entrevista semiestruturada baseada no Modelo de atribuição de sentido de Park (2010), onde os participantes foram questionados relativamente às alterações das suas visões no mundo, nomeadamente reavaliações das suas crenças, objetivos de vida e sentido de propósito antes e após a participação nas missões.

Análise de dados

As gravações de áudio das entrevistas semiestruturadas foram transcritas e os nomes dos participantes foram substituídos e codificados de acordo com o número de participante, a inicial do género (masculino ou feminino) e a idade (i.e., #2323M56), garantindo anonimato e confidencialidade. O método utilizado para analisar as entrevistas foi o de análise temática, através do *software* MAXQDA 2022, para identificar, analisar e relatar temas tendo em conta os dados qualitativos. As narrativas dos agentes da Polícia Marítima foram exploradas através de uma abordagem *bottom up*, em que se procurou identificar padrões, isto é, temas, que refletem as suas experiências e perspetivas (Braun

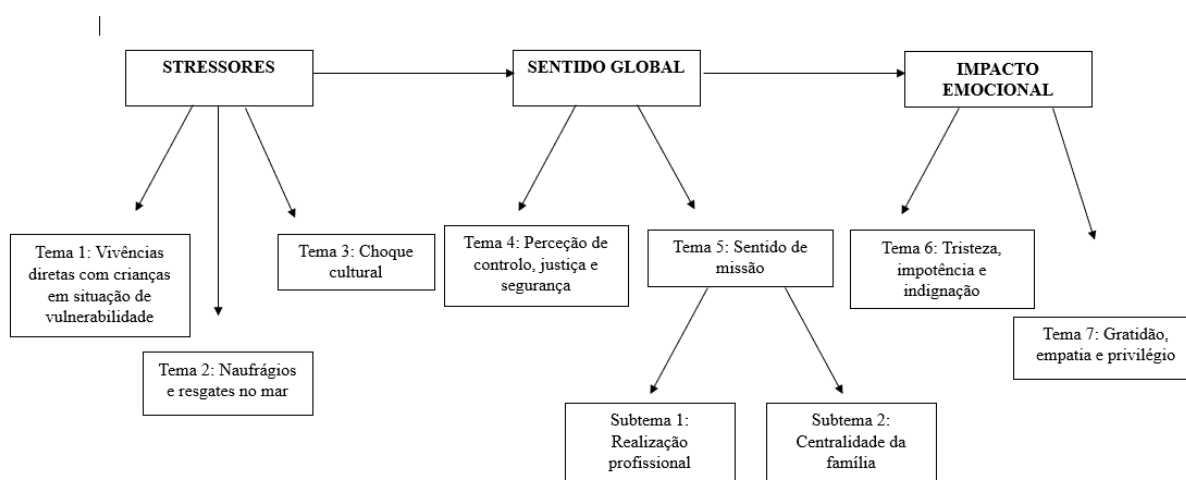
& Clarke, 2006). Os temas e subtemas foram discutidos com a IR ao longo da elaboração deste trabalho e ajustados de comum acordo entre a AI e a IR. Posteriormente, construímos um mapa temático de acordo com os stressores, sentido global e impacto emocional pré e pós participação nas missões.

Resultados

Nas narrativas dos participantes foi possível identificar 7 temas que organizamos em três dimensões: Stressores (Tema 1: “Vivências diretas com crianças em situação de vulnerabilidade”, Tema 2: “Naufrágios e resgates no mar” e Tema 3: “Choque cultural”); na dimensão do Sentido Global (Tema 4: “Perceção de controlo, justiça e segurança”, Tema 5: “Sentido de Missão”) e na dimensão do Impacto emocional (Tema 6: “Tristeza, impotência e indignação” e Tema 7: “Gratidão, empatia e privilégio”).

Figura 2

Mapa temático



Stressores

Enquanto profissionais de intervenção primária, os agentes da Polícia Marítima são preparados previamente com treinos, formações e *briefings* no período pré-missão, para gerir expectativas relativamente à sua participação nas missões e preparar os agentes psicologicamente e emocionalmente. Nas suas narrativas, os agentes relataram exposição a diversos acontecimentos adversos, passíveis não só de criar sofrimento psicológico

significativo, mas também de alterar crenças orientadoras. Foi possível identificar três temas centrais: “Vivências diretas com crianças em situação de vulnerabilidade”; “Naufrágios e resgates no mar”; e “Choque cultural”.

Tema 1: Vivências diretas com crianças em situação de vulnerabilidade

Os participantes destacaram diversas situações em que se confrontaram com o sofrimento de crianças em situação de vulnerabilidade (e.g., recém-nascidos, menores não acompanhados, crianças desnutridas e com frio), que alguns caracterizaram como o ou os momentos mais “impactantes” das suas experiências. Tal como descreveu a participante #1823F42 “tudo o que envolve crianças é mais duro.” Os participantes descreveram que, ao se depararem com situações que envolvam crianças que “cabem nas palmas das suas mãos” (#4423M52), surge um sentimento de impotência e insegurança relativamente à reação a adotar naquele momento, visto que consideram que “nunca se está preparado para lidar com estas situações”.

Em vivências semelhantes partilhadas por outros colegas, como forma de agradecimento pela ajuda que os agentes providenciavam, seja através de carinho, entrega de alimentos ou brinquedos, as crianças abraçavam os agentes e “agarravam-se” às suas pernas. Estes gestos eram algo que, segundo os profissionais, os “desmontava”, no sentido em que causavam reações emocionais. As vivências com as crianças criavam um impacto emocional dual, uma vez que surgiam reações emocionais positivas de gratidão ao prestarem cuidados às crianças e simultaneamente sentimentos de tristeza e saudade dos filhos que estavam em segurança, em Portugal (e.g., “...isso mudou o meu olhar”; participante #2623M46).

As crianças, segundo os participantes, são consideradas seres “mais desprotegidos, são sempre mais frágeis, que não compreendem o mundo que os rodeia e estão sujeitos àquilo que a gente lhes der” (#1523M41), algo que os faz questionar relativamente ao sentido de justiça no mundo, uma vez que as crianças não têm controlo sobre as suas ações, estando dependentes de outrem. Um acontecimento que vários participantes testemunharam como psicologicamente desestruturante foi a entrega, por uma mãe desesperada, durante o resgate do mar para o porto grego de Scala Scaminia, de um saco de lixo preto que verificaram conter o corpo de um recém-nascido sem vida, que deveria ser transportado com urgência. Este momento partilhado por diversos

profissionais, foi algo que marcou a sua experiência no contexto das missões, e que os fez questionar se haveria ou não justiça no mundo.

No confronto diário com crianças em situação de fragilidade (e.g., desnutridas, com frio, sem destino), os participantes recordam momentos partilhados com os seus filhos associados a sentimentos de saudade e tristeza (e.g., "...isso mudou o meu olhar"; participante #2623M46). O participante #3423M56 relatou um acontecimento onde se encontrava a brincar com uma criança pequena, enquanto aguardavam pelas autoridades gregas, para transporte dos refugiados para o Campo de Mória, na Grécia. Segundo o agente, "aquele miúdo poderia ter sido o meu filho há uns bons anos atrás" (#3423M56), fazendo uma identificação projetiva do seu filho na maneira de ser e características físicas na criança com quem interagia. Um outro agente, refletindo a ideia de que independentemente da cultura, o choro e desespero sentido por uma criança causa impacto emocional nos agentes, acrescenta: "É que o choro de uma criança não tem língua" (#2323M57).

Tema 2: Naufrágios e resgates no mar

Durante as missões nas ilhas gregas, foram múltiplos os relatados pelos agentes como particularmente, "difíceis" e de algum "pânico" subjacente. O participante #1323M53, chefe de missão, descreve que durante a sua experiência na Grécia, as condições do mar, condições climatéricas rigorosas, assim como a falta de qualidade das embarcações, foram os principais responsáveis por estes naufrágios. Segundo o profissional, surgiam embarcações com 40 pessoas, quando eles próprios tinham apenas capacidade para transportar 10. A maioria dos participantes recorda que, em situações distintas, se não tivessem atuado e salvado as pessoas em perigo de vida e concomitantemente em situação de vulnerabilidade extrema (e.g., desnutridas, sem recursos, traumatizadas), teria havido um maior número de mortos. Um participante relatou com descontentamento, que se deslocou a um local designado de "cemitério de coletes" e observou "milhares, milhões de coletes ali abandonados!". Acrescentando, "só por aquela imagem temos noção, de que é uma situação muito, muito complicada, muito grave, infelizmente" (#1623M51). Neste sentido, é possível verificar como estas vivências são potencialmente traumáticas, uma vez que a sua função passa por salvamento e controlo transfronteiriço marítimo, no entanto, ao longo da sua participação nas missões surgiram desaparecimentos e "morreu muita gente ali", tal como menciona um elemento

da Polícia Marítima. O que mais causou impacto a estes profissionais foi o facto de estas populações fugirem dos seus países à procura de segurança e “ficar[em] pelo caminho” (e.g., falecimento, afogamento), visto que muitas pessoas não sabiam nadar, pois nunca haviam tido contacto com o mar e devido condições adversas (i.e., más condições climáticas, lotação excessiva de pessoas nos botes, ausência de coletes, falta de qualidade do equipamento).

Ainda assim, perante circunstâncias extremas de salvamento de vidas humanas, houve agentes que descreveram ter tido a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico obtido através de formações realizadas ao longo do seu percurso profissional. Um participante relata que houve um momento que o comoveu, ao deparar-se com uma senhora em paragem cardiorrespiratória numa embarcação que estava a ir ao fundo. Nesse instante, juntamente com a sua equipa, realizou procedimentos de suporte básico de vida, reanimação e oxigenoterapia, conhecimentos que adquiriu anteriormente através de diversas formações. Refere que conseguiu aplicar na prática a teoria que já tinha adquirido e sente que conseguiu fazer a “diferença entre salvar a vida ou não” (#0223M42).

Tema 3: Choque cultural

As diferenças culturais entre agentes portugueses e as populações com que trabalharam, fundamentalmente de países como Afeganistão, Síria, Iraque e Eritreia, foram percebidas como um dos maiores stressores na experiência das missões. “O que é certo para mim aqui na minha sociedade [em Portugal], pode não ser correto para outros”. Foi desta forma que a participante #1823F42 descreveu uma das aprendizagens adquiridas destas oportunidades profissionais, ao estar exposta a costumes diferentes dos seus (i.e., valorização do homem na hierarquia social ao invés de crianças e mulheres).

Segundo os agentes, a população em situação de refúgio com quem contactaram ao longo da sua missão de salvamento é caracterizada como “culturalmente muito diferente” de si (e.g., “Nós respeitamos e somos formatados numa sociedade completamente diferente das sociedades ou da sociedade de onde toda essa gente vem”, participante #4423M52). Para estes profissionais, o primeiro impacto acontece quando se apercebem de que existe uma “hierarquia” na cultura que não vai ao encontro dos seus valores morais. De acordo com a perspetiva dos agentes, as crianças encontram-se em primeiro lugar na hierarquia social, sendo vistas como o “futuro”, seguidamente encontram-se os idosos e mulheres e posteriormente os homens. Ao interagirem com os

refugiados em fases de crise extrema e de sobrevivência, a sua percepção é de que, os homens são prioridade na hierarquia social, sendo a classe mais valorizada (e.g., “Os homens naquela sociedade estão primeiro, e continuam primeiro, a seguir estarão as mulheres e as crianças são descartáveis. É a percepção com que nós ficamos de lá”, participante #2323M56).

Sentido global

Tema 4: Percepção de controlo, justiça e segurança

Ao refletirem sobre o impacto que as experiências vividas em missão tiveram na sua forma de olhar o mundo, os participantes focaram as suas narrativas em três dimensões essenciais de crenças, relativas a: controlo, justiça e segurança. Estas visões de mundo foram repetidamente questionadas durante as missões, quando confrontados com situações de sofrimento extremo, que muitas vezes remetiam os participantes para uma comparação entre as suas vidas num Portugal pacífico e seguro, com as condições de vida da população em situação de refúgio.

Crenças relativamente a controlo da sua própria vida e destino foram repetidamente questionadas perante as experiências dos refugiados com quem contactaram (i.e., falta de capacidade de decidirem o seu destino e rotas migratórias, vidas desenraizadas, migração forçada). Existiam agentes que acreditavam que as ações acarretavam repercussões, no sentido em que uma boa ação terá uma recompensa e uma má ação, consequentemente uma punição. Tal como declarou o participante #0423M46: “A nossa vida é feita de escolhas, nós sofremos as consequências e os atos dessas escolhas”. No entanto, para muito agentes, a participação nas missões alterou essa perspetiva de que, o controlo não depende apenas do próprio, mas podendo ser influenciado por fatores externos. Tal como é mencionado pelos agentes “nós controlamos a nossa vida”, no entanto “há alguém que nos controla a nós”. Após vivenciarem experiências com população em situação de refúgio que realizavam uma travessia via marítima à procura de uma vida melhor, perceberam que “aquelas pessoas são totalmente controladas por outras pessoas” (#1623M51). Quando os participantes externalizam a percepção de controlo, identificam: forças sociopolíticas (e.g., entidades governamentais); económicas, referindo, por exemplo, que “O que move o mundo é o dinheiro” (#4123M41); e em alguns casos religiosas, defendendo que a religião “molda” o mundo para o bem e para o mal. Uma agente, refletindo a ideia de que atualmente

apresenta sentimentos de insegurança que anteriormente não apresentava, afirma que “estamos em cima de uma bomba relógio” (#1823F42), reforçando a ideia de falta de controlo no mundo, sendo que o que hoje é seguro, de um momento para o outro passa a tornar-se inseguro.

Relativamente a perceções de justiça, vários participantes partilharam acreditar que existe uma relação de causa-efeito entre as ações morais e respetivas consequências, uma vez que uma boa ação gera uma recompensa e uma má ação pode gerar uma punição por parte da sociedade (e.g., “ações boas levam a ações boas da parte contrária”, participante #4123M41). Ao refletirem sobre esta dimensão, os participantes relatam que se não acreditassem na justiça, deixavam de acreditar na sociedade e como tal “todos nós devemos fazer algo para que as coisas corram bem, para que haja justiça” (#2323M57). Os agentes remetem para uma dimensão mais abstrata que lhes permite dar sentido à sua participação nas missões de salvamento. Tal como descrito ao longo das narrativas, os participantes sentem que “fazem parte deste processo de justiça” no mundo, processo esse que também depende do seu contributo. A participação nas missões alterou as perceções de justiça dos agentes da Polícia Marítima. Foi reforçada a ideia de que, “a vida humana não tem o mesmo valor em todo o lado” (#2323M57). Esta reavaliação de crenças relativamente ao valor da vida humana revela uma perceção de mundo injusto, e segundo a participante #1123F43 “desequilíbrio” tanto a nível social como cultural.

Um último elemento particularmente relevante na reavaliação e relativização de perspetivas sobre justiça e segurança, remete para o conceito de lugar. Como explica o participante #0623M50: “Aquele sentimento de segurança que temos aqui no nosso Portugalzinho é completamente diferente quando estamos perante pessoas que estão a fugir de um conflito armado”. Os agentes consideram-se privilegiados por viverem em Portugal, uma vez que acreditam que existem outros locais no mundo onde não existe esta dimensão de segurança e justiça, que é tão valorizada pelos próprios. Nas narrativas dos participantes é possível observar ainda uma associação entre o conceito de sorte e a dimensão de segurança no mundo (e.g., “andamos cá por uma questão de sorte”, participante #3423M56). Relatam ainda que, o fator sorte também teve influência no desfecho da vida de muitos refugiados com quem contactaram. Nas palavras do participante #3423M65, “uns tiveram muita sorte” e conseguiram encontrar um lugar

mais seguro para viver e “outros tiveram pouca sorte” e acabaram por falecer no seu processo de fuga.

Tema 5: Sentido de Missão

Na generalidade, os agentes narraram a sua participação nas missões, enquanto experiência imbuída de espírito de missão, informado quer pela sua identidade de agentes da Polícia Marítima, quer por valores familiares.

Subtema 1: Realização profissional

O participante #0923M35 afirmou o sentimento de gratidão e sorte por pertencer a esta força policial e poder desempenhar as suas funções de agente: “Dou muito valor ao meu trabalho, porque estou onde quero estar. Tive essa sorte”. Uma dimensão central de sentido de missão dos participantes está associada à realização profissional definida pela intenção de progressão na carreira, desempenho de funções humanitárias, sentimentos de dever cumprido e maior proximidade emocional. Uma agente pronunciava-se sobre a sua vida antes de participar nas missões e referiu que o que fazia sentido para si, em determinado momento da sua vida, era a progressão na carreira e a sua atividade profissional, considerando-se “workaholic” (i.e., pessoa viciada no trabalho ou que trabalha compulsivamente). Sentia que se estava a “refugiar” no trabalho, ou seja, que o sentido da sua vida no período pré-missão consistia na execução das suas funções enquanto agente da Polícia Marítima.

A dimensão comunitária sempre foi, segundo os agentes, um dos valores centrais da sua profissão (e.g., “procurar ser o melhor polícia marítimo possível para ajudar o cidadão com as suas necessidades”; participante (#0223M42). Atividades de cariz social e comunitário, tais como, auxílio no desembarque de população refugiada, entrega de bolachas e água a crianças, assistência médica, entrega de brinquedos e bonecos feitos com luvas de látex, que não se enquadram nas tradicionais intervenções musculadas da PM, contribuíram para uma perceção de maior realização profissional. Neste sentido, e para além da satisfação imediata, agentes como o participante #4423M52 confessaram, inclusivamente, começar a sentir “alguma dependência do prazer que me dá aquilo que eu faço”. Os agentes afirmaram que continuam a “viver para trabalhar”, sendo essa a sua maior fonte de motivação. Segundo a participante #1823F42: “Se há coisa que adoro é o meu trabalho, porque me permite ter contacto com pessoas, não podia ter outro trabalho”.

Esta afirmação espelha a realização profissional sentida pela agente ao desempenhar as suas funções de cariz humanitário, intensificando o seu sentido de propósito.

A proximidade emocional com os colegas de equipa foi algo que também se destacou nas narrativas dos elementos da Polícia Marítima. Durante a missão “os laços criados entre as pessoas são solidificados de forma diferente” (#4223M41), uma vez que os agentes partilhavam muitos momentos, manifestando disponibilidade para partilhar mais sobre si com os colegas, nomeadamente crenças e sentimentos. Esta disponibilidade permitiu uma melhoria nas suas relações interpessoais, criando sentimentos de companheirismo e espírito de equipa. O participante #0523M35 partilha que durante a missão sentiu alteração na sua relação com os colegas de equipa referindo que: “Acabamos sempre por partilhar momentos com aqueles que estão lá, momentos difíceis, com aqueles que estão connosco, quando estamos fora de casa”. Este sentimento foi algo que se manteve após a participação nas missões, pois apesar de já trabalharem diariamente com alguns dos seus colegas, após regressarem da sua experiência esta relação interpessoal foi reforçada.

Um último aspeto refere-se ao sentimento de dever cumprido. Durante as missões, as ações desempenhadas pelos agentes contribuíram para uma maior realização profissional e conseqüentemente um sentimento de: “consegui fazer alguma diferença”. Tal como refere o participante #4423M52, “Eu sei aquilo que estou a fazer, que sou uma peça de uma engrenagem com uma dimensão gigante, mas aquilo está a contribuir para qualquer coisa que eu efetivamente acredito que vai fazer diferença para melhor”. Neste sentido, os profissionais após o regresso das missões, consideraram que fizeram “o que estava ao seu alcance”, espelhando um sentimento de satisfação e realização profissional. Neste sentido, e apesar das dificuldades e experiências adversas, os participantes consideram as missões como experiências positivas e enriquecedoras.

Subtema 2: Centralidade da família

A família surgiu como valor central nas narrativas dos participantes, informando as expectativas do seu percurso de vida, bem como o seu sentido de propósito, tanto no período pré como pós missão. Afirmações sobre a intenção de constituir família e criar legado eram frequentemente introduzidas por expressões, tais como, “como é óbvio” ou “o objetivo é sempre”. Permite-nos inferir que este objetivo de vida é algo evidente e inquestionável para estes profissionais, informando deste modo o seu sentido de

propósito. No caso de participantes com filhos, estes mencionaram que o seu propósito assentava sobretudo na transmissão de valores e no suporte social (e.g., acompanhar e ajudar nas diferentes fases de desenvolvimento). Afirmações no sentido de ser necessário criar “alicerces em que eles [filhos] fiquem firmes e hirtos para enfrentarem as dificuldades do futuro” (#4123M54), defendendo uma educação onde os filhos tenham a percepção das necessidades existentes, selecionando, deste modo, o que é importante e menos importante, assim como o que é considerado “fútil”. O bem-estar e a coesão familiar, também são pontos referidos por alguns profissionais quando se trata da existência de uma família já constituída. O participante #1523M41 ao refletir sobre a sua vida antes da experiência nas missões, afirma que sempre viveu para a família, de modo a partilhar momentos da vida com os seus filhos, pois considera que: “O que faz sentido é nós crescermos com eles”.

O impacto das missões refletiu-se sobretudo numa maior valorização do tempo passado em família. A agente #1823F42 refletiu sobre a sua vida antes e após participar nas missões e afirmou que anteriormente vivia muito para o trabalho e com a sua experiência nas missões, sentiu alterações no seu propósito de vida. Atualmente, menciona dar maior importância aos momentos em família, assim como ao bem-estar dos que estão próximo. Além disso, refere: “Eu quero que eles percebam todos os dias e que nunca tenham dúvidas que eu os amo. Eu não quero que haja dúvidas que estou cá sempre, estou cá para reforçar o melhor que eles têm”.

Impacto emocional

Nas narrativas foi possível identificar uma diversidade de respostas emocionais relativas à participação nas missões, tanto durante como após as mesmas, e que vão de sentimentos negativos a positivos. Foi comum nas narrativas dos participantes respostas iniciais de desvalorização de reações emocionais resultantes dos acontecimentos potencialmente traumáticos vivenciados pelos agentes. Como afirma o participante #1523M41, “as situações que eu tive, algumas envolveram algum *stress*, mas também trazemos bagagem para lidar com isso...”, utilizando o sentido figurativo de “bagagem” para se referir ao conjunto de experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente à participação nas missões como fator protetor de sofrimento psicológico. Outro agente referiu em jeito de desculpa e distanciamento, “não quero ser muito frio, mas não foi nada por aí além” (#1723M46). Outros, no entanto, como o participante #1423M43, referiram

a preocupação em se manterem imunes ao potencial impacto das suas vivências diárias: “Passa por um espírito de missão com o objetivo de não trazermos muitos fantasmas connosco”.

Tema 6: Tristeza, impotência e indignação

“Costumo dizer que acho que não houve um único dia que não chorasse a bordo da embarcação, quando estávamos a trabalhar e a ajudar pessoas” (participante #2623M46). Esta afirmação remete para as experiências vividas pelos agentes, caracterizadas por sentimentos negativos de tristeza, impotência e indignação.

Os participantes manifestaram saudade ao longo da sua participação nas missões (e.g., “Foram dois meses, fica aquela saudade, aquela saudadezinha”, participante #0323M43). Em virtude das vivências diretas com crianças em situações de vulnerabilidade, os participantes recordam diversos momentos partilhados com os seus filhos, remetendo para este sentimento de saudade em relação à família (e.g., “A parte que me custa é sempre a família, porque é sempre um período em que estamos muito tempo afastados da família”, participante #0823M36).

“Inicialmente, aquilo foi um bocado violento psicologicamente porque, foram várias as vezes que chorei a bordo, porque me lembrava do filho de 2 anos que tinha em casa” (#2623M46). É relatado pelos participantes que só quem participa nestas missões e vive “ao vivo e a cores” é que consegue perceber o desespero e sofrimento da população refugiada que procura uma vida melhor, sem saber o que o que vai encontrar (e.g., “A gente sente... ouve as pessoas, sente o cheiro das pessoas, sente o calor das pessoas, pega nas crianças”, participante #3423M56). As condições “desumanas” em que população se encontra levam os participantes “a pensar, que de facto do outro lado da fronteira as coisas estão muito mal, muito mal...” (participante #1623M51). Os participantes precisam, ainda, que foram diversos os momentos em que choravam enquanto desempenhavam as suas funções e se deparavam com pessoas “a irem desta para melhor”, desconstruindo a ideia de imunidade dos agentes perante o sofrimento contínuo, diário e cumulativo dos refugiados.

O sentimento de impotência também é algo a salientar durante a participação nas missões. Com os diversos acontecimentos traumáticos vivenciados, os agentes demonstraram sentirem-se impotentes e assoberbados “no meio daquela desgraça toda,

daquilo tudo” (participante #2623M46). Naquele contexto, onde diversos participantes mencionam que existe uma incerteza no que diz respeito ao futuro, é possível verificar que a sua sensação de incapacidade ou impossibilidade de alterar o rumo da história daquelas pessoas é algo marcante na sua experiência durante as missões.

Indignação é um sentimento refletido ao longo da participação dos agentes nas missões no mar Mediterrâneo. O participante #0623M50 descreve que ao visitar o Campo de Mória, que em tudo se assemelha a um “campo de concentração”, as condições desumanas em que se encontravam os refugiados (i.e., sem roupa, desnutridos, em fuga de conflitos armados) e a incerteza de qual seria o seu destino, causaram uma reação emocional caracterizada por sentimentos de indignação e tristeza.

Tema 7: Gratidão, empatia e privilégio

Apesar da dimensão de sofrimento, a participação nas missões também é caracterizada, por sentimentos positivos como gratidão, empatia e privilégio (e.g., “Sinto-me grata por ter vivenciado a experiência que vivenciei, abriu-me horizontes, abriu-me perspectivas”; participante #2023F31).

Os participantes referem nas suas narrativas que ao refletirem sobre a sua vida pós missão, têm a percepção de que o seu estilo de vida é “um privilégio” em comparação com o das pessoas com quem contactaram, acabando por dar mais valor ao que têm. A participante #1823F42 ao refletir sobre os seus problemas e os da população em situação de refúgio, considera que é “uma pessoa muito sortuda”, porque tem família e está rodeada de pessoas que gosta. Para além desta agente, outros participantes manifestam o mesmo sentimento relativamente aos “privilégios” que têm e que apenas após participarem nas missões começaram a valorizar. A gratidão também é sentida, segundo os profissionais, quando regressam ao seu país de origem e são recebidos pelos familiares e colegas com “gratidão nas palavras e no olhar” (#0623M50), fazendo-os sentir a importância que têm na vida das pessoas, percecionando qual o seu verdadeiro propósito.

A empatia foi um dos sentimentos com maior destaque no discurso dos profissionais da Polícia Marítima relativamente à sua participação nas missões, uma vez que espelha a sua sensibilidade e capacidade de se colocarem no lugar dos outros, compreendendo “o que estas pessoas arriscam”. Ao longo da sua experiência surgiam questões como: “eles pediram a alguém para ter aquela guerra?” (#3423M56) ou

“pediram a alguém para a casa desaparecer?” (#3423M56), que revelam indignação e tristeza, mas também admiração pela coragem e resiliência, sobretudo perante refugiados idosos: “O que é que leva alguém, com aquela idade, a abandonar tudo, partir para o desconhecido, à procura de salvação?” (#4223M41). Todas estas questões resultam da observação das condições “francamente debilitadas” em que os refugiados se encontravam, colocando em causa a sua vida pessoal, social e financeira. O participante #1523M41, assim como outros elementos da sua equipa, recordam como aquelas pessoas, forçadas a abandonar os seus países “traziam a vida num saco de plástico”, que no regresso a Portugal, levou a mudanças nas relações interpessoais, nomeadamente maior compaixão pelas pessoas que os rodeiam, seja ao nível pessoal como profissional. O participante #4223M4, após refletir sobre a sua experiência falou da consciencialização “do que é não ter nada”, e a importância de valorizar “as pequenas coisas” que a vida lhe proporciona, o que indica mudanças na sua filosofia de vida. Tal como explicou, “do inferno é que se vê o paraíso”.

Discussão

Este estudo, guiado pelo modelo teórico de atribuição de sentido de Park (2010), avaliou as alterações nas visões do mundo dos agentes da Polícia Marítima portuguesa, que participaram em missões de salvamento no mar, com exposição direta (e.g., mortes, naufrágios) e indireta (e.g., relatos de sobreviventes de guerra e naufrágios, pessoas em situação de crise) a acontecimentos que, em diferentes medidas, alteraram crenças relacionadas com perceção de controlo, justiça e segurança no mundo, bem como objetivos de vida relacionados com realização profissional e centralidade da família, que informam o seu sentido de missão. Nesta amostra, os agentes relataram sofrimento psicológico e perspectivas de melhoria de funcionamento psicológico (e.g., impacto psicológico positivo e negativo).

Neste estudo é possível identificar três resultados principais. O primeiro resultado principal diz respeito à existência de fatores protetores de sofrimento psicológico. Enquanto profissionais de intervenção primária, era expectável que agentes da Polícia Marítima portuguesa, que estão expostos a acontecimentos potencialmente traumáticos, apresentassem sofrimento psicológico significativo, em linha com bombeiros, veteranos de guerra, polícias e médicos (Haugen, Evces & Weiss, 2012; Mamar et al., 2006). No entanto, em contexto de entrevista, estes profissionais, no geral,

começaram por desvalorizar o possível impacto negativo da sua experiência, (tal como é referido por um agente “somos formatados para desempenhar as nossas funções, com uma postura profissional”). Estes resultados sugerem a existência de fatores protetores que permitem que agentes acedam a estruturas cognitivas mais adaptativas no período durante a sua participação e pós-missão. Este resultado é consistente com estudos anteriores que revelaram que a preparação psicológica prévia diminuía o sofrimento psicológico percebido durante o acontecimento potencialmente traumático (Basoglu et al.,1997). Estudos recentes de Marchand e colegas (2015) realizados com polícias que estavam expostos acontecimentos potencialmente traumáticos, concluíram que fatores como recrutamento e seleção para o ingresso nos cursos da polícia, experiências profissionais anteriores, formação, treino e *briefings* contribuíam para um sentimento de autoeficácia, perceção de controlo, maior resiliência e conseqüentemente diminuição de sofrimento psicológico (Alexander & Wells, 1991; Carlier & Gersons, 2000; Perrin et al., 2007). Os nossos resultados vão ao encontro de estudos anteriores, uma vez que a existência de fatores protetores como os *briefings* no período pré e pós-missão, experiências anteriores de acontecimentos adversos, treino e formação prévia, possibilitaram respostas mais adaptativas dos agentes a acontecimentos percebidos como traumáticos. Estudos futuros devem utilizar um método quantitativo que permita medir construtos associados a perceção de bem-estar psicológico ou sofrimento psicológico vicariante, tais como, satisfação por compaixão, fadiga por compaixão e *stress* traumático secundário (i.e., Escala de qualidade de vida profissional – versão 5 – ProQOL; Stamm, 2009).

Num contexto em que perguntamos aos agentes que aspetos do sentido global foram mais impactados pelas experiências vividas em contexto de missão, observamos que, tal como em estudos com populações refugiadas, os agentes avaliaram as suas experiências à luz de crenças específicas (e.g., controlo perante o testemunho diário do sofrimento de pessoas cujo destino não controlavam), sendo possível que outras estruturas cognitivas se tenham mantido intactas. Por exemplo, as referências a crenças religiosas ou espirituais foram raras nesta amostra, sendo que a literatura sugere que, em contexto de crise, os sobreviventes acedem a crenças religiosas, quer para processar o trauma, quer como fonte de consolo (Matos et al., 2023; Park, 2023). Neste estudo, acontecimentos relacionados com sofrimento extremo de crianças em situação de vulnerabilidade, levaram a que os agentes com filhos, reforçassem valores relacionados com a centralidade

da família. Os naufrágios e resgates no mar, apesar do tipo de preparação, formação e treino prévios, levaram ao questionamento de crenças relacionadas com dimensões de justiça e segurança no mundo, por um lado, tendo, por outro, reforçado o espírito de missão, entreajuda, empatia e proximidade emocional. Identificamos nas narrativas dos participantes a importância do local como fonte de sentido, uma vez que a saída de Portugal para outro país desconhecido com valores e costumes diferentes, permitiu que os agentes fossem confrontados com culturas diversificadas, questionando crenças sobre a perceção de controlo, assim como reforçando sentimentos como gratidão e privilégio. Este resultado é importante, porque, ao identificar as crenças específicas que foram abaladas e, potencialmente aquelas que se mantiveram intactas, é possível adotar intervenções mais especializadas. Estudos futuros deverão utilizar métodos quantitativos (e.g., a escala de violação de sentido; *Global Meaning violation Scale* – GMVS; Park et al., 2016) para, de forma sistemática, avaliarem crenças mais específicas, como por exemplo crenças religiosas

O terceiro resultado principal vai ao encontro de estudos recentes com sobreviventes de trauma complexo, que reconhecem a existência do impacto psicológico negativo e positivo (Matos, 2022). Por exemplo, foi possível observar coexistência de sofrimento psicológico, em que agentes referiram que a experiências nas missões foram “violentas psicologicamente”, com ajustamento psicológico positivo. A forma como um agente resumiu o impacto da sua experiência, em que refere “do inferno se vê o paraíso”, remete para a concomitância entre negativo e positivo ou/e o princípio de que para haver perceção de crescimento é necessário haver disrupção de perspetivas pré-trauma (Tedeschi & Calhoun, 1997) – neste caso, a referência do “inferno”. Neste sentido, o facto de termos identificado nas narrativas mudanças na filosofia de vida (e.g., sentimentos de gratidão, valorização da vida, definição de novas prioridades relacionados com a centralidade da família), e nas relações interpessoais (e.g., proximidade emocional com os colegas e familiares, maior compaixão), sugere a presença de crescimento pós-traumático nesta amostra. Estudos futuros deverão avaliar quantitativamente a perceção de PTG em agentes da Polícia Marítima, bem como outros profissionais de intervenção primária.

Implicações práticas

Deveria existir um sistema, onde os agentes possam recorrer para trabalhar as estruturas cognitivas desafiadas com a participação nas missões, nomeadamente crenças relacionadas com perceção de controlo, justiça e segurança no mundo.

Limitações

O nosso estudo revela algumas limitações. Consideramos que os resultados representam as experiências da amostra, no entanto é possível que estas experiências não sejam representativas das experiências de outros agentes ou de outros profissionais de intervenção primária. O facto de a amostra ser maioritariamente composta por homens, apesar de refletir a distribuição do género na PM, limita a diversidade de experiências. O facto de a investigadora ser, reconhecidamente por uma percentagem significativa da amostra, filha de um colega, poderá ter limitado a partilha de conteúdos nas entrevistas. A expectativa, reforçada ao longo das entrevistas, que os agentes têm de si mesmos, de ser imunes a experiências adversas poderá ter impedido a partilha de informação relativamente à sua participação nas missões, bem como o impacto emocional. Relativamente ao processo de recolha de dados, 16 entrevistas foram realizadas presencialmente e 10 entrevista via online, pode ter interferido com a partilha de informação, visto que os participantes não foram expostos às mesmas condições de recolha de dados. As próprias entrevistas online apresentam algumas limitações devido às diversas interrupções de ligação à *internet*, assim como à dificuldade encontrada em observar a comunicação não verbal dos agentes, podendo contribuir para o estudo com mais compreensão e informação relativamente às suas vivências e impacto emocional sentido.

Referências Bibliográficas

- Adams, R. E., Boscarino, J. A., & Figley, C. R. (2006). Compassion fatigue and psychological distress among social workers: A validation study. *American Journal of Orthopsychiatry*, 76(1), 103–108. <https://doi.org/10.1037/0002-9432.76.1.103>
- Alexander, D., & Wells, A. (1991). Reactions of Police Officers to Body-Handling after a Major Disaster a Before-and-After Comparison. *British Journal of Psychiatry*, 159(4), 547–555. <https://doi.org/10.1192/bjp.159.4.547>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-5(TM))* (5th ed.). American Psychiatric Publishing <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Barrington, A. J., & Shakespeare-Finch, J. (2013). Working with refugee survivors of torture and trauma: An opportunity for vicarious post-traumatic growth. *Counselling Psychology Quarterly*, 26(1), 89–105. <https://doi.org/10.1080/09515070.2012.727553>
- Başoğlu, M., Mineka, S., Paker, M., Aker, T., Livanou, M., & Gök, S. (1997). Psychological preparedness for trauma as a protective factor in survivors of torture. *Psychological medicine*, 27(6), 1421–1433. <https://doi.org/10.1017/s0033291797005679>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carlier, I. V. E., Voerman, A. E., & Gersons, B. P. R. (2000). The influence of occupational debriefing on post-traumatic stress symptomatology in traumatized police officers. *British Journal of Medical Psychology*, 73(1), 87–98. <https://doi.org/10.1348/000711200160327>
- Century, G., Leavey, G., & Payne, H. (2007). The experience of working with refugees: counsellors in primary care. *British Journal of Guidance & Counselling*, 35(1), 23–40. <https://doi.org/10.1080/03069880601106765>
- Collins, S. M., & Long, A. (2003). Working with the psychological effects of trauma: consequences for mental health-care workers - a literature review. *Journal of*

Psychiatric and Mental Health Nursing, 10(4), 417–424.
<https://doi.org/10.1046/j.1365-2850.2003.00620.x>

Currier, J. M., Holland, J. M., & Malott, J. (2015). Moral injury, meaning making, and mental health in returning veterans. *Journal of Clinical Psychology*, 71(3), 229–240.
<https://doi.org/10.1002/jclp.22134>

Figley, C.R. (1995) Compassion Fatigue as secondary traumatic stress disorder: an overview. In Figley, C.R., *Compassion Fatigue: Coping with secondary Traumatic Stress Disorder in Those Who Treat the Traumatized* (pp.1-20). Bruner/Mazel, New York.

Flannery, B. (2015). Treating psychological trauma in first responders: A multi-modal paradigm. *Psychiatric quarterly*, 86, 261-267. <https://doi.org/10.1007/s11126-014-9329-z>

Flinton, D., Cherry, P., Thorne, R., Mannion, L., O’Sullivan, C., & Khine, R. (2018). Compassion satisfaction and fatigue: an investigation into levels being reported by radiotherapy students. *Journal of Radiotherapy in Practice*, 17(4), 364–367.
<https://doi.org/10.1017/s1460396918000274>

FRONTEX. (n.d.) *O que é a Frontex?* Retrieved November 13, 2023, from <https://www.frontex.europa.eu/language/pt/>

Grant, H., Lavery, C., & DeCarlo, J. (2019). An exploratory study of police officers: Low compassion satisfaction and compassion fatigue. *Frontiers in Psychology*, 9.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02793>

Haugen, P. T., Evces, M., & Weiss, D. S. (2012). Treating posttraumatic stress disorder in first responders: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 32(5), 370–380.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2012.04.001>

International Migration Outlook 2015. (2015). In *International migration outlook*.
https://doi.org/10.1787/migr_outlook-2015-en

Keller, E. M., Owens, G. P., Perkins, M., & Hamrick, L. A. (2020). A qualitative analysis of meaning-making and mental health among OIF/OEF veterans. *Journal of Clinical Psychology*, 76(10), 1851–1868. <https://doi.org/10.1002/jclp.22959>

- Kleim, B., & Westphal, M. (2011). Mental health in first responders: A review and recommendation for prevention and intervention strategies. *Traumatology*, *17*(4), 17–24. <https://doi.org/10.1177/1534765611429079>
- Krok, D. (2016). Can meaning buffer work pressure? An exploratory study on styles of meaning in life and burnout in firefighters. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, *18*(1), 31–42. <https://doi.org/10.12740/app/62154>
- Léonard, S., & Kaunert, C. (2022). The securitisation of migration in the European Union: Frontex and its evolving security practices. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, *48*(6), 1417–1429. <https://doi.org/10.1080/1369183x.2020.1851469>
- Leppma, M., Mnatsakanova, A., Sarkisian, K., Scott, O., Adjero, L. C., Andrew, M. E., Violanti, J. M., & McCanlies, E. C. (2018). Stressful life events and posttraumatic growth among police officers: A cross-sectional study. *Stress and Health*, *34*(1), 175–186. <https://doi.org/10.1002/smi.2772>
- Marchand, A., Nadeau, C., Beaulieu-Prévost, D., Boyer, R., & Martin, M. (2015). Predictors of posttraumatic stress disorder among police officers: A prospective study. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, *7*(3), 212–221. <https://doi.org/10.1037/a0038780>
- Marmar, C. R., McCaslin, S. E., Metzler, T. J., Best, S. R., Weiss, D. S., Fagan, J., Liberman, A., Pole, N., Otte, C., Yehuda, R., Mohr, D. C., & Neylan, T. C. (2006). Predictors of posttraumatic stress in police and other first responders. *Annals of the New York Academy of Sciences*, *1071*(1), 1–18. <https://doi.org/10.1196/annals.1364.001>
- Matos, L., Costa, P., Park, C., Indart, M., & Leal, I. (2021). ‘The War Made Me A Better Person’: Syrian Refugees’ Meaning-Making Trajectories in the Aftermath of Collective Trauma. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *18*(16), 8481. <https://doi.org/10.3390/ijerph18168481>
- Matos, L. (2022). *Journeys in meaning: Psychological adjustment to trauma in resettled syrian refugees* [Tese de Doutoramento em Psicologia, ISPA-Instituto Universitário]. Repositório do ISPA <http://hdl.handle.net/10400.12/8772>

- Matos, L., Água, J., Sinval, J., Park, C. L., Indart, M. J., & Leal, I. (2022). Assessing meaning violations in Syrian refugees: A mixed-methods cross-cultural adaptation of the Global Meaning Violations Scale–ArabV. *Journal of Traumatic Stress, 35*(4), 1201–1214. <https://doi.org/10.1002/jts.22819>
- Matos, L., Park, C. L., Indart, M. J., & Leal, I. (2023). “It’s the God factor”: A qualitative study of Syrian Muslims’ postwar religious meaning-making. *Psychology of Religion and Spirituality. https://doi.org/10.1037/re10000505*
- McCann, I. L., & Pearlman, L. A. (1990). Vicarious traumatization: A framework for understanding the psychological effects of working with victims. *Journal of traumatic stress, 3*, 131-149. <https://doi.org/10.1007/BF00975140>
- McHolm, F. (2006). Rx for compassion fatigue. *Journal of Christian nursing, 23*(4), 12-19. Doi:[10.1097/00005217-200611000-00003](https://doi.org/10.1097/00005217-200611000-00003)
- Ministério da Defesa Nacional (2017, 28 de abril). *Agentes da Polícia Marítima partem para missões de vigilância da FRONTEX.*
- Ministério da Defesa Nacional (2021, 29 de janeiro). *Participação da Polícia Marítima nas operações da agência FRONTEX.*
- Mordeno, I. G., Galela, D. S., Dingding, D. L. L., Torevillas, L. R., & Villamor, K. B. (2022). Meaning making and change in situational beliefs serially mediate the relationship between moral injury and posttraumatic stress disorder. *Psychological Studies, 67*(1), 63–71. <https://doi.org/10.1007/s12646-022-00642-1>
- Park, C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: An integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin, 136*(2), 257–301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Park, C. L., Riley, K. E., George, L. S., Gutierrez, I. A., Hale, A. E., Cho, D., & Braun, T. D. (2016). *Global meaning violation scale* [Dataset]. <https://doi.org/10.1037/t65154-000>
- Park, C. L. (2023). Meaning making following trauma. *Frontiers in Psychology, 13*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.844891>

- Parlamento Europeu. (2015). *Evolution of asylum applications*. Retrieved November 13, 2023, from: https://www.europarl.europa.eu/infographic/asylum-migration/index_en.html#filter=2022
- Pearlman, L. A., & Mac Ian, P. S. (1995). Vicarious traumatization: An empirical study of the effects of trauma work on trauma therapists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 26(6), 558–565. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.26.6.558>
- Perrin, M., DiGrande, L., Wheeler, K., Thorpe, L. E., Farfel, M. R., & Brackbill, R. (2007). Differences in PTSD prevalence and associated risk factors among World Trade Center Disaster Rescue and Recovery workers. *American Journal of Psychiatry*, 164(9), 1385–1394. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2007.06101645>
- Raynor, D., & Hicks, R. E. (2018). Empathy and coping as predictors of professional quality of life in Australian Registered Migration Agents (RMAs). *Psychiatry, Psychology and Law*, 26(4), 530–540. <https://doi.org/10.1080/13218719.2018.1507846>
- Russo, C., Aukhojee, P., Tuttle, B. M., Johnson, O., Davies, M., Chopko, B. A., & Papazoglou, K. (2020). Compassion fatigue & burnout. In *Elsevier eBooks* (pp. 97–115). <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-817872-0.00007-0>
- Sampson, R., & Gifford, S. M. (2010). Place-making, settlement and well-being: The therapeutic landscapes of recently arrived youth with refugee backgrounds. *Health & Place*, 16(1), 116–131. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2009.09.004>
- Stamm, B.H. 2009. Professional Quality of Life: Compassion Satisfaction and Fatigue Version 5 (ProQOL)
- Stamm, B. H. (2010). The concise ProQOL manual: The concise manual for the Professional Quality of Life scale. Pocatello, ID: ProQOL. org.
- Steger, M. F., Owens, G. P., & Park, C. L. (2015). Violations of War: Testing the Meaning-Making Model among Vietnam Veterans. *Journal of Clinical Psychology*, 71(1), 105–116. <https://doi.org/10.1002/jclp.22121>
- Tahan, M., Taheri, H., & Saleem, T. (2021). Review of psychological trauma: theory, practice, policy and research. *Rivista Di Psichiatria*, 56(2), 64–73 <https://doi.org/10.1708/3594.35764>

Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1997). The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring the positive legacy of trauma. *Journal of Traumatic Stress*, 9(3), 455–472.
<https://doi.org/10.1002/jts.2490090305>

UNHCR. (2023, novembre 13) “2015: The Year of Europe’s Refugee Crisis.”
<https://www.unhcr.org/news/stories/2015-year-europes-refugee-crisis>